



EXPERIÊNCIA VIVIDA, NARRATIVA COMPARTILHADA: FORMA DE (RE)EXISTIR E (RE)AVALIAR A PRÁXIS PÓS-PANDEMIA SOB O OLHAR DOS MULTILETRAMENTOS E LETRAMENTOS DIGITAIS

Julia Beatriz Krüger Riewe¹ (UEPG)
Isabel Cristina Vollet Marson² (UEPG)

Resumo: Docentes tiveram suas práxis desafiadas diante das instabilidades e incertezas vividas durante a crise da Covid-19, o que modificou a rotina da sala de aula e os espaços de ensino-aprendizagem. Assim, inspiradas em uma perspectiva outra de ensino, que valoriza as multimodalidades, as múltiplas linguagens e as formas plurais de construir sentidos, buscamos neste trabalho trazer os resultados parciais de uma pesquisa de iniciação científica voluntária realizada na Universidade Estadual de Ponta Grossa em 2021-2022, com o objetivo de discutir a formação de professores e os multiletramentos no contexto da pandemia de Covid-19 e a autorreflexão a respeito da práxis. Entendemos que a reflexão sobre os multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2009) e sobre as práticas docentes no período do ensino remoto (CARNIN; LOCATELLI, 2021) auxilia professores em formação a utilizarem criticamente as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) em prol do protagonismo e do trabalho colaborativo. Além da revisão bibliográfica, a pesquisa qualitativa interpretativista envolveu a reflexão sobre a práxis (ZEICHNER, 2008), a observação de aulas e a pesquisa narrativa (NACARATO, 2018). Os resultados indicam que a pandemia exigiu dos docentes a superação de uma série de desafios – problemas técnicos (uso dos computadores e plataformas), físicos (distanciamento professor-aluno) e didáticos (adaptação às metodologias diferenciadas) –, além de controle (emocional e didático) para lidar com as mudanças. Apesar das dificuldades, é possível perceber inovações de cunho positivo que nos fazem refletir criticamente sobre nosso ensino para atender às novas necessidades da sala de aula e dos alunos. As experiências compartilhadas em momentos de crise (TARC, 2020) podem auxiliar docentes em formação a experimentarem metodologias didático-pedagógicas diferenciadas em sala de aula a fim de promover uma educação linguística crítica, igualitária e justa.

Palavras-chave: Formação de Professores. Multiletramentos. Práxis. Narrativa. Pandemia.

EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA EM TEMPOS DE CRISE: PANDEMIA DA COVID-19 E MUDANÇAS NAS PRÁTICAS

¹ Orientanda do Programa de Iniciação Científica Voluntária (PROVIC) no período 2020-2021, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Email: juliaariewe@gmail.com

² Professora adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa, orientadora de Iniciação Científica. Email: imarson@uepg.br



A globalização, a transitoriedade de informações e as mudanças constantes das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) colocam desafios para a educação e a sociedade. A crise pandêmica da Covid-19 trouxe consequências para todos os setores, inclusive para a área educacional. A mudança brusca do contexto da aula presencial para o contexto remoto emergencial impactou todo o contexto escolar.

Instigados a adaptar suas práticas a uma condição ainda não experimentada, os docentes tiveram que fazer uso da “epistemologia do desempenho” (LANKSHEAR; KNOBEL, 2003), ou seja, aprender na prática, sem ter modelos preestabelecidos.

Podemos dizer que, durante o ano de 2020, adentramos um período da história para o qual não estávamos preparados; o coronavírus representou um pesadelo para o mundo. Precisávamos aprender, em curto espaço de tempo, a viver isolados, a experienciar outras metodologias, a interagir por meio dos recursos digitais existentes e a ser resilientes e pacientes com condições que não dependiam da nossa vontade. Por alguns meses fomos obrigados a ficar contidos em nossos lares: não tínhamos certeza do que a doença poderia trazer, e a ciência ainda não era suficiente para dar conta do que estava acontecendo. A consequência foram mortes incontáveis em todo o mundo. Esse período pandêmico fez com que docentes reinventassem suas práticas, pois, como afirma Liberali (2020, p. 14), “[...] Em nosso tempo, nunca foi tão mandatório pensar em possibilidades para ir além daquilo que conhecemos [...]. A situação que vivemos exige que nos coloquemos frente ao contexto com nossa história como uma ferramenta para criar o possível”.

Foi necessária uma grande adaptação para que o sistema remoto, meio encontrado para manter a educação em andamento, conseguisse adentrar o nosso cotidiano, mesmo porque docentes e discentes não tinham preparo para esse tipo de ensino. Na visão de Tarc (2020), as práticas vividas na pandemia trouxeram marcas profundas. De acordo com o autor, as nossas aulas *face-to-face (f2f)* terão que ser ressignificadas depois que ela acabar, e isso leva a questionamentos em relação ao que é importante tratar na aula presencial. Nesse sentido, defendemos que,

[...] em vez de (apenas) lamentarmos como nossos métodos estão restringidos em novos ambientes de ensino, podemos descobrir propósitos alterados e mais geradores para a educação em nossas atuais condições mundanas, que nos orientam para pedagogias transformadas (TARC, 2020, p. 121, tradução nossa).



Sousa Santos (2020) nos alerta para o fato de que já tínhamos vivido outras pandemias no decorrer da história, mas nenhuma delas com tanto impacto como a da Covid-19, que aumentou a exclusão, a marginalização de tantos grupos e a degradação das condições de vida dos moradores de rua, deficientes e sobretudo idosos. Esse cenário afetou também o universo escolar. Assim, consideramos pertinente refletir sobre a formação docente na pandemia e suas consequências, de forma que elencamos os acontecimentos ao longo dos meses. O período pandêmico serviu para trocarmos experiências e principalmente para fazermos uso de procedimentos didático-pedagógicos inovadores. Como nos inspira Freire (2018), o professor deve ser estimulado a ir em busca do “inédito viável” (FREIRE, 2018, p. 153), ou seja, buscar, dentro das “situações-limite” (FREIRE, 2018, p. 126), como as que nos foram apresentadas na pandemia, outras possibilidades para mudar, (re)existir, (re)avaliar a práxis constantemente.

Entre as consequências da pandemia (situação-limite), está a inserção, nas práticas educacionais (ferramentas viáveis), das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs).

Na crise pandêmica, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi implantado nas escolas em curto espaço de tempo. Essas mudanças rápidas trouxeram preocupações e desespero, visto que muitos não tinham acesso à internet, outros não sabiam como usar a tecnologia, a conectividade era ruim, as metodologias não eram adequadas e tantos outros fatores se alastraram no novo momento, em que o mundo estava em crise. De forma compulsória, o uso da tecnologia fez parte do fazer pedagógico do professor.

Assim, com base na minha experiência, na minha trajetória docente e como orientanda de iniciação científica, me perguntei: Se os alunos não têm essa vivência e não utilizam essa tecnologia em suas vidas, como abordar tal temática em sala de aula? Como fazer uso da sala de aula virtual? Se eu sou professor, como dar esse tipo de aula? E se, além de professor, eu também for aluno? Essas perguntas fizeram parte dos meus questionamentos enquanto acadêmica e enquanto pesquisadora de iniciação científica³.

Busco então neste estudo trabalhar com a práxis de professores em formação inicial (MARSON, 2019) e com as práticas multiletradas no contexto da pandemia (TEMÓTEO, 2021;

³ Este subprojeto de iniciação científica faz parte do projeto de pesquisa continuada denominado “Formação de professores, multiletramentos e inglês como língua franca”, cadastrado na Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPEP) da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob a coordenação da Profa. Dra. Isabel Cristina Vollet Marson.



CARNIN; LOCATELLI, 2021), refletindo sobre as metodologias atuais e futuras dos profissionais da educação, comparando a minha prática com aquilo que eu estava vivenciando como docente e discente no período de pandemia. Além de contextualizar a formação de professores diante das imprevisibilidades, esta pesquisa qualitativa interpretativista busca analisar a prática do professor de língua inglesa no contexto da pandemia. Tem por base a pesquisa narrativa (CAMARGO, 2012; NACARATO, 2018), que mescla vivências e experiências do professor com o meio, e também a pesquisa bibliográfica, que possibilita a discussão acerca de textos da área dos multiletramentos e acerca do uso de todos os recursos didático-pedagógicos existentes, incluindo as TDICs.

NARRATIVA DE UMA ALUNA-PROFESSORA: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

Considerando importante situar a experiência de uma pesquisadora que atuou como docente e discente durante a pandemia, recorro à narrativa para partilhar ações vividas, sejam elas positivas ou negativas. Por meio da narrativa, é possível trazer tanto questões subjetivas do docente quanto representações sociais e históricas do momento vivido. Dessa forma, concordo com Camargo (2012) quando explica que:

Olhar para trajetória e vivências passadas é também reviver, em outro tempo, o mesmo percurso de vida, que pode impulsionar diagnósticos inesperados a respeito da própria experiência. A narrativa autobiográfica oferece a oportunidade de retomar o passado com a maturidade de tempo presente, cujos posicionamentos são interessantes para o amadurecimento profissional. (CAMARGO, 2012, p. 164).

Diante dessa reflexão, trago agora a minha narrativa como docente e discente.

Metodologicamente, gostaria de esclarecer que as narrativas que compõem o relato de experiência serão elencadas por data, para melhor guiar o leitor no que se sucedeu na minha prática durante a pandemia.

Fevereiro de 2020. Pela vivência de sala de aula na qual estava inserida como professora havia exatas duas semanas, vi que aquele era o meu lugar. Eu me sentia confortável e sabia o que estava fazendo. “Nasci para lecionar”, era o que eu pensava. Pobre Júlia! Apenas 19 anos, sem experiência nem ideia do que a palavra “pandemia” iria fazer com ela, com seus alunos e com o resto do mundo. Apesar de ter trabalhado na instituição de ensino como professora por um curto período, eu me considerava uma garota vivida, pois já fazia 15 anos que era aluna.



Quando tudo começou, não sabíamos quanto um ser invisível a olho nu poderia afetar o cotidiano e a rotina das pessoas. Fomos para nossas casas totalmente despreparados para a longa jornada a nossa frente, que pensávamos fosse durar apenas duas semanas. Eu tinha certeza de que logo veria meus alunos e professores novamente. Ledo engano!

As coisas foram acontecendo, as notícias de mortes se alastrando, pessoas piorando por conta da doença, e a recém-professora estava tentando “pôr a mão na massa” em meio ao caos.

Diferentemente do que muitos professores experienciaram, como falta de apoio, poucos recursos para lidar com a situação e uma lacuna no que diz respeito a conhecimento tecnológico, eu tive a sorte de receber suporte estrutural e pedagógico. Logo no primeiro mês de pandemia a instituição nos ofereceu um curso sobre o uso de plataformas de ensino digital, para que mantivéssemos a escola em funcionamento. Se pensarmos que as mudanças do mundo globalizado interferem no modo como construímos sentidos, podemos dizer que precisamos ficar atentos às mudanças e intempéries que modificam nossos entornos. Assim, defendo que aprender a se comunicar em novo ambiente implica em aprender a se comunicar de forma diferenciada (COPE; KALANTZIS, 2009).

Na sequência, estudamos, fizemos nossas primeiras reuniões no modo remoto, debatemos a respeito da melhor forma de proporcionar ensino de qualidade aos nossos alunos, e a cada dia dávamos um passo a mais para a reconstrução pessoal e profissional. Houve ajuda mútua entre colegas e, apesar do medo de não estarmos fazendo o trabalho de modo correto ou de ele não ser suficiente, vários comentários nos estimularam a persistir, principalmente aqueles de nossos estudantes, que valorizaram nosso esforço e davam muito de si para prosseguir.

O começo foi turbulento e os discentes não estavam habituados à metodologia; entretanto, no decorrer do primeiro mês (março de 2020), notamos melhorias em relação ao modo de lecionar e também ao modo de aprender. Utilizando plataformas como o Zoom⁴ (2022) e o Google Meet⁵ (2022), passamos a propor formas diversificadas de ensino na sala de aula virtual, com jogos lúdicos e músicas que se encaixassem no conteúdo e trouxessem ao mesmo

⁴ O Zoom é uma plataforma de reunião virtual que permite o acesso a áudios, vídeos, gravações e o uso de ferramentas colaborativas.

⁵ O Google Meet é uma plataforma de reunião virtual integrada ao Google Workspace. Permite a participação a partir de convites que o professor faz com base na agenda ou por *e-mail*.



tempo aprendido, que só se provou realmente efetivo quando os alunos começaram a responder, interagir, cantar e se habituar com as trocas de experiências por meio de câmeras.

Algo que beneficiou muito minha prática com as crianças foi o material digital usado antes da pandemia, fornecido junto com o livro didático pela própria editora. Fizemos o possível (e até o impossível, eu arriscaria dizer) para que elas tivessem interesse nas aulas e conseguissem se sentir acolhidas apesar das dificuldades que as rodeavam.

Agosto de 2020. À parte tudo isso, eu estava conectada com meus professores da universidade, que questionavam muito a volta do ensino de forma remota, por conta de questões como o acesso à internet e aos computadores, assim como a extrema dificuldade que alunos de ensino superior enfrentariam para aprender de casa, *online*, conforme destacado pelas autoras Fernandes e Gattolin (2021):

A questão é que a crise da Covid-19 trouxe uma série de desafios (...) Encontrar formas de lidar com: a) a tecnologia divide, considerando que muitos alunos não têm acesso à Internet fora da universidade; b) falta de infraestrutura tecnológica nos campi; e c) falta de familiaridade dos professores com a tecnologia educacional. (FERNANDES; GATTOLIN, 2021, p. 523-524, tradução nossa).

Os pontos citados foram dificuldades vistas em universidades ao redor do mundo. Mesmo com todas as complicações, a universidade pública não deixou de produzir material e trabalhar em pesquisas que contribuíssem para revelar novidades a respeito da Covid-19.

Como aluna, vi meus professores se recriarem e se redescobrirem durante a pandemia. Muitos procuraram se adequar à nova metodologia (por força da necessidade), mas outros tiveram dificuldades. Alguns dos que se adaptaram tornaram-se professores ainda melhores, com didática e metodologias mais avançadas em razão dos estudos que tiveram de fazer para ampliar seu modo de ensinar. Trouxeram a teoria para a prática de forma a beneficiar e motivar os alunos no ensino remoto, para que nós, acadêmicos, conseguíssemos dar continuidade à nossa formação. A esse respeito, Fernandes e Gattolin (2021) comentam:

Alguns profissionais certamente continuarão fazendo o mesmo que faziam antes da Covid-19, mas a maioria certamente se sentirá desconfortável em ignorar a necessidade de mudança. Nesse sentido as universidades públicas desempenham um papel muito importante: repensar a formação de professores, principalmente no que se refere à alfabetização digital. Nesse momento as aulas online são uma imposição que a Covid-19 colocou para professores e alunos, mas a instrução híbrida, ou a mistura de modos de ensino e aprendizagem presencial e online, já havia sido implementada em algumas universidades públicas antes da pandemia, e agora parece que, pelo menos até certo ponto, pode ter vindo para ficar. (FERNANDES; GATTOLIN, 2021, p. 533, tradução nossa).



Nós, como (futuros) profissionais da educação, tivemos uma prévia das diversas dificuldades que enfrentaremos no decorrer de nossa carreira dentro dessa área: professores usando a própria internet, computadores e aparelhos de áudio pessoais; espaços de estudo dentro de casa transformados em salas de aulas públicas. Ainda assim, as críticas continuaram. Educadores investiram dinheiro particular para continuar em seus trabalhos e proporcionar melhores experiências aos universitários.

FACE-TO-FACE, INFLUÊNCIA FAMILIAR E INSTRUMENTOS DA PRÁTICA ONLINE

Agosto de 2020. É necessário pontuar que os alunos tiveram desenvolvimentos extremamente diferentes em virtude da relação e do incentivo que obtiveram dentro de suas casas. Era notável a diferença entre aquele que compreendia o conteúdo e fazia tarefas de antemão, e aquele que não entendia, não realizava atividades, nem enviava tarefas.

Tarc (2020) dimensiona sua fala para aquilo que mais almejávamos que acontecesse na questão educação: o *face-to-face (f2f)*, o encontro presencial novamente. Nesse sentido, destaca pontos de grande importância ao trazer sua visão positiva para dentro de um cenário desesperador, apontando as melhorias que podem ser feitas para quando “o presencial se tornar nosso normal novamente”. Podemos rever nossos meios de ensino e aplicar outras metodologias, mais efetivas, fazendo testes baseados naquilo que vivemos no contexto remoto.

Em toda essa questão, ainda destaco os alunos que não tinham material de qualidade, boa internet e pais ou familiares com tempo e disposição para dar-lhes suporte. Outra coisa que, na minha opinião, facilitou o ensino na escola de educação fundamental na qual trabalho foi o fato de os alunos precisarem ficar com a câmera ligada para receber “presença” na aula. Isso fez com que a interação docente-discente fosse muito melhor do que aquela que meus professores tiveram na universidade, porque a abertura da câmera era facultativa para nós, universitários.

Conforme os meses foram passando, a prática se tornou mais "confortável" e aperfeiçoamos nossos métodos de ensino; trocamos informações e conhecimentos entre nós e crescemos conjuntamente. Pensando na escola de ensino fundamental na qual leciono, o inglês não era matéria colocada como primordial, visto que os alunos nessa fase estão desenvolvendo



habilidades básicas de português, matemática e ciências. Por conta disso, muitos deles não faziam tanta questão de realizar as atividades de nossa área e prejudicaram seu avanço na volta ao f2f.

Para que as aulas remotas fossem atrativas, aplicativos e ferramentas de ensino lúdico *online* foram utilizados, como o Kahoot⁶ (2016), que traz jogos e formas de efetivamente gravar o vocabulário e a nova gramática, o Baamboozle⁷ (2022), que apresenta jogos também para fixação de conteúdo, e o YouTube⁸ (2022), que foi fundamental para tornar divertidas as aulas, entre outros. Ressalto a importância do último, pois as músicas e vídeos que colocamos dentro do ambiente de estudo, ainda que *online*, deram leveza às aulas síncronas: levantávamos, dançávamos, conversávamos, e a risada no meio do caos trazia momentos de alegria.

A abordagem se tornou outra, e a tecnologia foi 100% incluída na aula, querendo ou não. Foi de extrema importância visualizar o desempenho de meus alunos por meio das fotos de tarefas que eram enviadas via plataforma de aula (Editora Moderna) e registrar aquilo que estava sendo bem aplicado ou não. Quando algo não parecia efetivo, como, por exemplo, a aquisição de uma nova metodologia, eu alterava, assim como na sala de aula no modelo presencial, a minha escolha didático-pedagógica; se os *slides* e o jogo X não funcionaram, eu utilizava um vídeo no *Youtube*, com explicações da atividade em um documento disponibilizado aos alunos (explicação e exercícios) por *e-mail*, que eles preenchiam à medida que escutavam o áudio. Ao me deparar com essas situações, tive que entender aquilo que estava disponível para mim e então redesenhar e remodelar técnicas, para que fossem mais bem absorvidas por meus alunos. Assim, recorri ao conceito-chave do New London Group (2000, apud PINHEIRO, 2016, p. 526), estudado e analisado por Pinheiro (2016), chamado de *design*. Na perspectiva do *design*, é possível construir significados usando toda a gama de recursos disponíveis e criticamente reavaliá-los e transformá-los de acordo com as necessidades do contexto. A proposta apresenta possibilidades de refletir sobre o ensino-aprendizagem numa perspectiva dialógica e colaborativa.

⁶ O Kahoot é uma ferramenta de criação de questionários que funciona com dispositivos conectados à internet, como computadores e telefones celulares.

⁷ O Baamboozle é uma ferramenta de *quiz* e jogos.

⁸ O YouTube é uma plataforma online que permite assistir aos vídeos disponibilizados e também criar vídeos personalizados.



Dáí em diante, pude tomar consciência da prática dos professores na universidade e adequar as ideias presentes em seus contextos de lecionar que eu gostaria de aplicar ou não no meu entorno. Pude perceber, como aluna, que tinha atitudes semelhantes às de meus discentes, como a falta de energia para estar na frente de uma tela por horas e a falta de motivação para aprender, apesar de todo o esforço dos docentes, que ali estavam para nos apoiar e ensinar a todo momento. De acordo com Temóteo:

Novas expressões têm surgido para retratar as mudanças que se impõem a cada dia, e a que tem se destacado é “novo normal”, usada para definir as transformações, os novos hábitos, as novas práticas que se evidenciam em nosso cotidiano, desde que foi reconhecida a pandemia. Nas instituições de ensino, não há mais lugar para aulas antigas e iguais, porque a forma de ministrá-las não é mais a mesma, desde que professores e alunos transformaram os espaços de suas próprias casas em sala de aula remota, ou seja, eles não dividem mais o mesmo espaço geográfico, durante a aula. (TEMÓTEO, 2021, p. 81).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma a repensar as práticas e assumir novas posturas diante do lecionar e do aprender, é fundamental entender que a pandemia da Covid-19, em conjunto com o ensino remoto, trouxe diversos empecilhos para o cotidiano de toda uma nação, que teve de aprender a lidar com o meio em que foi inserida.

As demandas formativas emergentes no contexto da pandemia possibilitaram a muitos dos docentes universitários problematizar suas opções epistemológicas e metodológicas expressas nas didáticas presenciais. Ao se perceberem convocados a uma transposição didática para o online, se viram em condição de tensão e de incerteza, pois o ainda distanciamento na formação de professores de perspectivas teórico-metodológicas relacionadas ao novo contexto das tecnologias digitais, como se a cultura do digital em rede fizesse parte do cotidiano, mas estivesse desarticulada da formação, acabou gerando esse desconforto, ou seja, os multiletramentos, em especial o letramento digital com intencionalidade formativa, não se apresentaram potentes na rede de conhecimento dos professores. Mobilizar interfaces digitais com intencionalidade formativa passou a ser um problema nesse contexto e muitas universidades precisaram parar por meses seu ensino de graduação e pós-graduação para atender a duas demandas, a de formação de professores e de conectividade dos alunos, ou seja, em um mundo digital, a exclusão cibercultural ainda é presente na realidade de muitos estudantes. (SANTOS et al., 2021, p. 27).

Segundo os autores, os professores precisaram se reinventar epistemologicamente, buscando alternativas didático-pedagógicas para se adequar à realidade contingente. Mesmo diante das dificuldades impostas durante o ensino remoto, procuraram criar métodos didático-pedagógicos e buscaram estratégias que resultassem em benefícios para os alunos, o que não



poderia ser feito senão por meio de cursos de capacitação, visto que o currículo do curso de Letras não atinge de forma satisfatória os letramentos digitais.

Percebo que o contexto da pandemia trouxe tanto pontos negativos quanto positivos para as práticas docentes. Mudanças repentinas no fazer pedagógico geraram incerteza e instabilidade, complicando a rotina dos discentes e docentes. No entanto, no decorrer dos meses, as alternativas foram aparecendo e algumas ferramentas se tornaram indispensáveis para os contextos educacionais, como por exemplo o Google Classroom⁹. Camargo (2012) pontua que nós nos moldamos conforme o meio e o contexto no qual estamos inseridos, transformando e reconstruindo nossos atos e ferramentas educacionais.

Foi possível observar que, durante a escrita desta narrativa e da autorreflexão sobre a prática, me tornei mais consciente e atenta às minhas aulas e aos meus alunos, pois pude refletir a respeito do que funcionou e do que preciso melhorar no futuro.

Considero que a autocrítica é essencial ao crescimento pessoal e profissional do docente e que essa reflexão pode ser feita a partir da narrativa autobiográfica.

Para finalizar, busco apontar que tantos desafios quanto aprendizados foram trazidos para a docência e que a educação já não é mais aquela vivida antes da pandemia da Covid-19. Ela foi desafiada e reinventada, e, dependendo da atitude que o docente assume diante dessa mudança, ela pode seguir um caminho de descobertas ou de estagnação. Apesar das defasagens que ocorreram no ensino em geral e de um atraso considerável no que tange à aprendizagem dos alunos no período do distanciamento, é possível concluir que professores e alunos tiveram um salto interessante no que diz respeito a metodologias de ensino e busca por melhorias, métodos e abordagens para um novo padrão de educação.

REFERÊNCIAS

- BAAMBOOZLE. Disponível em: <<https://www.baamboozle.com/>>. Acesso em: 23 out. 2022.
CAMARGO, C. G. Autobiografia: um olhar na profissão como docente de língua estrangeira. **Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 6, n. 1, p. 162-177, 2012.

⁹ O Google Classroom é uma ferramenta gratuita da plataforma Google, que se tornou uma possibilidade de comunicação acessível e bem didática entre alunos e professores. Através dela o professor conseguiu organizar seu conteúdo e aulas durante o ensino remoto.



CARNIN, A.; LOCATELLI, G. A. Laboratório de Ensino de Língua Portuguesa: novas aproximações entre universidade e escola para a formação de professores/as em tempos de Covid-19. In: KERSCH, D. F.; MARTINS, A. P. S.; SANTOS, G. K.; TEMÓTEO, A. S. S. G. (Orgs.). **Multiletramentos na pandemia**: aprendizagens na, para a e além da escola. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2021.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Multiliteracies: new literacies, new learning. **Pedagogies: an International Journal**, Nanyang Walk, v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009.

FERNANDES, A. C.; GATTOLIN, S. R. B. Learning to unlearn, and then relearn: thinking about teacher education within the Covid-19 Pandemic Crisis. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 21, n. 2, p. 521-546, 2021.

FREIRE, P. **A pedagogia do oprimido**. 65. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GOOGLE CLASSROOM. Disponível em: <<https://classroom.google.com>> Acesso em 23 de out. 2022.

GOOGLE MEET. Disponível em: <<https://workspace.google.com/intl/pt-BR/products/meet/>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

KAHOOT. Aplicativo transforma ensino em sala de aula em game de conhecimento. **Gazeta do Povo**, 2016. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/aplicativo-transforma-ensino-em-sala-de-aula-em-game-de-conhecimento-5o6byv02zjkpj6vp7q1kxnh3/>>. Acesso em: 23 out. 2022.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **New literacies**: changing knowledge and classroom learning. United Kingdom: Open University, 2003.

LIBERALI, F. C. Construir o inédito viável em meio à crise do Coronavírus: lições que aprendemos, vivemos e propomos. In: LIBERALI, F. C.; FUGA, V. P.; DIEGUES, U. C. C.; CARVALHO, M. P. (Orgs.). **Educação em tempos de pandemia**: brincando com um mundo possível. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 13-21.

MARSON, I. C. V. 2019. 300 f. **Multiliteracies, translanguaging practice and English as a Lingua Franca**: decolonizing teacher education in a public university in Brazil. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

NACARATO, A. M. (Org.). **Pesquisas (com) narrativas**: a produção de sentidos para experiências discentes e docentes. São Paulo: Livraria de Física, 2018.

PINHEIRO, P. A. Sobre o manifesto “A pedagogy of multiliteracies: designing social futures” – 20 anos depois. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, v. 2, n. 55, p. 525-530, maio-ago., 2016.

SANTOS, E.; RIBEIRO, M.; FERNANDES, T. Ciberformação docente em contexto de pandemia: multiletramentos críticos em potência. In: KERSCH, D. F.; MARTINS, A. P. S.; SANTOS, G. K.; TEMÓTEO, A. S. S. G. (Orgs.). **Multiletramentos na pandemia**: aprendizagens na, para a e além da escola. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2021. p. 23-36.

SOUSA SANTOS, B. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.



TARC, P. Education post-Covid-19: Re-visioning the face-to-face classroom. **Current Issues in Comparative Education**, v. 22, issue 1, Special Issue, p. 121-124, 2020.

TEMÓTEO, A. S. S. G. A constituição de letramentos, durante a pandemia: desafios para professores e alunos. In: KERSCH, D. F.; MARTINS, A. P. S.; SANTOS, G. K.; TEMÓTEO, A. S. S. G. (Orgs.). **Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para a e além da escola**. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2021. p. 69-83.

YOUTUBE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ZEICHNER, K. Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 535-554, maio-ago., 2008.

ZOOM. Disponível em: <<https://explore.zoom.us/pt/products/meetings/>>. Acesso em: 10 ago. 2022.